

DANÇA DO PASSINHO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VISIBILIDADES NA CENA CURRICULAR PAULISTA

PASSINHO DANCE IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: VISIBILITIES IN THE SÃO PAULO CURRICULAR SCENE

DANSE PASSINHO DANS L'ÉDUCATION PHYSIQUE À L'ÉCOLE: VISIBILITÉS SUR LA SCENE CURRIULAIRE DE SÃO PAULO

Isabela Muniz dos Santos Cáceres¹
Daniela Auad²

Manuscrito recebido em: 31 de maio de 2021.

Aprovado em: 11 de dezembro de 2021.

Publicado em: 11 de janeiro de 2022.

Resumo

O presente trabalho objetiva relatar o desafio de implementação da Dança do Passinho nos materiais de apoio ao Currículo Paulista, no ensino de Educação Física, em escolas da rede estadual em São Paulo. Há preconceito velado, porém bastante atuante, em razão da dança se valer de manifestação rítmica cujas origens são afrodescendente, latina e também ser praticada pelas camadas pobres da população, marcadas pela desigualdade social e marginalização. Como fundamentação teórica, valemo-nos dos estudos antirracistas, feministas e de gênero, com especial foco nas produções advindas do campo de interface da educação e da educação física escolar. A metodologia qualitativa foi responsável pela seleção da produção bibliográfica e pelo percurso analítico dos materiais de apoio, legislação e documentos oficiais existentes. Contudo, apesar das legislações e teorias do Currículo estarem propostas no âmbito do multiculturalismo e da cultura corporal, ainda restam docentes aparentando desconhecer esta prática corporal. Consideramos que há docentes que avaliam negativamente a Dança do Passinho, tornando quem a pratica alvo de preconceitos de gênero e raça. Também há fragilidade na formação – seja a inicial, continuada, em serviço – comprometida com uma aprendizagem baseada em discursos antirracistas e em diálogo sobre as relações de gênero. Embora ocorra tal lacuna e também possível resistência, é inegável a conquista recente da Dança do Passinho nos materiais de apoio ao Currículo Paulista de Educação Física, que corresponde à maior visibilidade e combate às desigualdades, fruto do acúmulo a partir das categorias gênero, raça e geração, advindo dos movimentos sociais e das pesquisas educacionais.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Especialista em Educação Física escolar pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Coordenadora de Educação Física da Diretoria de Ensino de Votorantim. Integrante do grupo de estudos Flores Raras: Educação, Comunicação e Feminismos, Grupo de Estudos e Pesquisas.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2491-2069> Contato: isabela.caceres@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutora em Sociologia pela Universidade de Campinas. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Lidera o Flores Raras: Educação, Comunicação e Feminismos, Grupo de Estudos e Pesquisas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9805-1708> Contato: auad.daniela@gmail.com

Palavras-chaves: Dança do Passinho; Educação física escolar; Gênero; Raça; Currículo.

Abstract

This paper aims to report the challenge of implementing the Passinho Dance in the support materials for the São Paulo Curriculum, in Physical Education teaching, in state schools in São Paulo. There is veiled prejudice, but it is quite active, because dance uses a rhythmic manifestation whose origins are Afro-descendant, Latin and also practiced by the poor strata of the population, marked by social inequality and marginalization. As a theoretical foundation, we make use of anti-racist, feminist and gender studies, with a special focus on productions from the field of education interface and school physical education. The qualitative methodology was responsible for the selection of bibliographic production and for the analytical path of supporting materials, legislation and existing official documents. However, despite the legislation and theories of the Curriculum being proposed in the context of multiculturalism and body culture, there are still teachers who seem to be unaware of this body practice. We believe that there are teachers who negatively evaluate Passinho Dance, making those who practice it the target of gender and race prejudices. There is also weakness in training - be it initial, continued, in service - committed to learning based on anti-racist speeches and dialogue on gender relations. Although such a gap exists and also possible resistance, the recent achievement of Dança do Passinho in the support materials for the São Paulo Physical Education Curriculum is undeniable, which corresponds to greater visibility and combating inequalities, the result of the accumulation from the categories of gender, race and generation, coming from social movements and educational research.

Keywords: Passinho Dance; School physical education; Gender; Race; Curriculum.

Abstrait

Cet article vise à rendre compte du défi de la mise en œuvre de la danse Passinho dans le matériel de soutien pour le programme de São Paulo, dans l'enseignement de l'éducation physique, dans les écoles publiques de São Paulo. Il y a des préjugés voilés, mais c'est assez actif, car la danse utilise une manifestation rythmique dont les origines sont afro-descendantes, latines et également pratiquées par les couches pauvres de la population, marquées par l'inégalité sociale et la marginalisation. Comme base théorique, nous utilisons des études antiracistes, féministes et de genre, avec un accent particulier sur les productions du domaine de l'interface éducative et de l'éducation physique scolaire. La méthodologie qualitative était responsable de la sélection de la production bibliographique et du chemin analytique des supports, de la législation et des documents officiels existants. Cependant, malgré la législation et les théories du programme proposées dans le contexte du multiculturalisme et de la culture corporelle, il y a encore des enseignants qui semblent ignorer cette pratique corporelle. Nous pensons qu'il y a des enseignants qui évaluent négativement la danse Passinho, faisant de ceux qui la pratiquent une cible de préjugés de genre et de race. Il y a aussi des faiblesses dans la formation - qu'elle soit initiale, continue, en service - engagée dans un apprentissage basé sur des discours antiracistes et un dialogue sur les relations de genre. Bien qu'il y ait un tel écart et aussi une résistance possible, la récente réalisation de Dança do Passinho dans les supports du programme d'éducation physique de São Paulo est indéniable, ce qui correspond à une plus grande visibilité et à la lutte contre les inégalités, résultat de l'accumulation des catégories de genre, race et génération, issus des mouvements sociaux et de la recherche pédagogique.

Mots clés: Danse Passinho; Éducation physique scolaire; Sexe; Race; Programme.

A introdução como o primeiro passo...de dança

Implementar um Currículo Paulista³, bem como seus materiais de apoio, destinados a docentes e discentes, em uma rede tão complexa e ampla quanto às das escolas do Estado de São Paulo é um desafio e tanto. Primeiramente, por se tratar de uma “máquina pública” ampla, com diversidades locais e regionais, como a que compreende o Estado de São Paulo⁴. Além disso, em segundo lugar, mas não menos importante, há de se considerar que o novo Currículo enfrentará o desafio de não só propor aprendizagens essenciais, mas de trazer aspectos relevantes ao contexto de seus estudantes.

Não bastasse esse contexto de implantação, promover, neste material, uma dança e ou manifestação rítmica como o “funk” e a “Dança do Passinho”, que são, sobretudo, fenômenos culturais produzidos como marcas do sistema social e político que fazem emergir expressões das desigualdades sociais, estas advindas das classes menos favorecidas. Essa conjuntura é desafiadora ainda por estarmos falando de uma dança, a Dança do Passinho, ritmo aparentemente contagiante, no qual os “corpos” executores de movimentos rítmicos podem ser considerados vulgares, marginais e sempre associados às culturas juvenis das pessoas pobres.

Assim, ao propor a implementação do funk/Dança do Passinho nos materiais de apoio de educação física, pretende-se trazer às manifestações relacionadas ao que se denomina como “cultura da favela⁵”. Esta que, também ao se expressar pela dança, contraria os valores vigentes de uma família que se pretende tradicional, de uma dada concepção de infância que incapacita crianças e adolescentes, de uma noção de relações humanas, de cultura e de sociedade que marginaliza a juventude.

³ Para saber mais sobre o Currículo Paulista, convém consultar o site oficial da Secretaria da Educação disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em 05 abr. 2021.

⁴ Rede estadual paulista composta por 91 diretorias de ensino e cerca de 3,5 milhões de estudantes matriculados. Para saber mais acesse: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/orgaos-governamentais/secretaria-da-educacao/conheca-os-dados-de-2021-dos-alunos-da-rede-estadual-de-sao-paulo/>

⁵ Utilizamos o termo como: os modos de ver o mundo, as apreciações morais e de valores, bem como os comportamentos sociais. Entretanto, a “cultura da favela” é vista de forma equivocada, sendo criminalizada.

Vale destacar que, como música, o funk é uma manifestação rítmica e artística. É também uma Dança e representa uma cultura legítima, que precisa ser entendida, desmistificada, conhecida, reconhecida e valorizada, de modo que sua expressão e suas práticas possibilitem variadas perspectivas de existência e, com isso, eliminação de preconceitos.

Há críticas ao funk, por vezes mais por vezes menos, disfarçadas em alguns pré-julgamentos racistas. Ironicamente esses são reproduzidos pela sociedade em geral, inclusive por estudiosas e estudiosos das culturas juvenis, por vezes, estes ao lado de setores abertamente conservadores da sociedade. De um modo ou de outro, a despeito da cor política e roupagem, as críticas tendem a descaracterizar o trabalho oriundo dos movimentos vindos das periferias e que não foram ainda cooptados pela cultura massiva ou admitidos como legítimos pelas esquerdas acadêmicas. Essa dupla rejeição acaba por fazer com que a Dança do Passinho, assim como o funk, sejam classificados como produções menores, ruins, e menos importantes, passíveis de serem desvalorizadas, ignoradas ou serem ainda objeto de estranhamento ou deboche elitista.

Ao perceberem essa conservadora e tradicional resistência advinda de variados setores da sociedade, tanto à esquerda quanto à direita, as pessoas praticantes da Dança do Passinho a colocam muitas vezes como um instrumento de inserção social, obtendo maior destaque nas mídias e apoio da população periférica, de modo a conquistar visibilidade e direito à representatividade, seja na educação, seja na comunicação. Isto significa dizer que dança do passinho na escola e na mídia pode concorrer para assegurar direito à educação e à comunicação de grupos populacionais que geralmente não se percebem representados nos livros didáticos, nas produções áudio visuais e nos postos prestigiosos do conjunto da sociedade.

O funk e a Dança do Passinho se colocam então como um movimento de resistência, com singular estética, visão e posicionamento, onde música e dança são como “documentos de identidade”⁶ (SILVA, 1999), estes culturais, sociais e ricos, que revelam a sociedade do nosso país, além de se mostrarem um modo de atingir um prestígio social até

⁶ Para ampliar o conceito/termo, sugere-se a leitura de Documentos de Identidade, uma introdução à teoria do Currículo de Tomas Tadeu da Silva (1999).

então negado. Através dos discursos produzidos pelo funk, esta música e dança expressam e representam os comportamentos de denúncia de uma realidade social que incomoda, com letras e movimentos que seguem sendo alvo de repulsa por quem está em bom e privilegiado lugar nos atuais arranjos de poder.

Ao lado dessa análise possível, precisamos entender que existem vários discursos e cenários de funk, pertencentes à diversas identidades culturais nacionais e internacionais. Ademais, o funk brasileiro tem conquistado outras localidades do mundo, com grandes performances das cantoras Anita, Ludmila e o DJ Pedro Sampaio, que são inspirados e inspiram grandes MCs, como a americana Cardi B, premiada no recente *Grammy* 2021.

Uma outra questão, não menos importante, é o machismo propagado no funk, onde o corpo feminino e negro é mais exposto do que o masculino, mas também ali é colocado como espaço de resistência e subversão da ordem e das relações de poder. Ainda que o presente artigo não aprofunde esse aspecto do debate, por ser denso e polissêmico, no bojo desta problemática destacam-se ainda pessoas jovens nas periferias, constituídos e constituintes das culturas das escolas, das festas e dos bailes. Essas e esses jovens estão por diferentes motivos nas margens da sociedade, em razão de sua classe, de sua raça, de sua localização espacial, do modo como gênero constrói seus corpos, em uma pseudomarginalidade sem que tenham cometido de fato ato infracional ou crime algum, mas já sejam condenadas e condenados pela opressão e pela discriminação cotidianas. Estas atingem seu limite quando as altas taxas de contaminação pela COVID-19, a fome e as balas, estas perdas ou não, tiram a vida de corpos negros, como ocorrido usualmente no Brasil, nos extermínios da população negra nas diferentes comunidades periféricas do país⁷.

Para contribuir com esse debate e embate, para escutar a voz de quem canta e dança, artigos como este precisam propor o diálogo na academia, nas escolas e nas variadas formações docentes. Pretendemos, assim, trazer mais dados para contribuir a seguir.

⁷ Para saber mais sobre o tema sugerimos o artigo: Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra, disponível em: <https://www.scielo.br/j/educ/a/yyLS3jZvjzrvqQXQc6Lp9k/?format=html&lang=pt>

Visibilidades teórico-metodológicas

No âmbito de uma teoria de Currículo fundamentada no “Multiculturalismo”, e mais especificamente, no que diz respeito ao componente curricular de Educação Física, centrada à luz da “cultura corporal de movimento”, estão ainda, Unidades Temáticas e Objetos de Conhecimento discriminadas e ou desconhecidas do corpo docente, como por exemplo, a Dança do Passinho, temática do presente trabalho.

Apesar dos elementos ainda desconhecidos, a cultura corporal do movimento é expressa na escola e fora dela. Suas construções corporais são geradas e produzidas no gênero e a partir do gênero, nas relações sociais e a partir das relações sociais, estas constituídas também pelas racialidades, geração, orientações sexuais e classe. Se as identidades são constituídas dessas categorias, também são os padrões existentes e a partir deles, estes constituintes do que é aceito, elogiado e moldado como norma, de modo distanciado aos seus opostos e binários, ou seja, ao que é interditado, mal falado e percebido como anormal ou até patológico ou apenas feio. É na tensão dessas oposições que transita o funk e a Dança do Passinho.

Faz-se necessário frisarmos dados sobre a Dança do Passinho, visto que as manifestações rítmicas da cultura corporal de movimento, à luz da antropologia, tendo os corpos como protagonistas, se dão e se permitem evoluir e serem “recriados” conforme seus aspectos históricos e sociais, como a partir dos castigos sofridos, violência, discriminação, luta, militância, marginalidade, opressão, desmerecimento e outros adjetivos que se somam aos resultados atuais deste tipo de arte rítmica.

Neste sentido, Corsino nos assinala que “As construções corporais, como produto das relações raciais e de gênero, são expressas no interior da escola, de modo a construir padrões, percepções, preconceitos, discriminações e violências” (CORSINO, p.2, 2021). Assim sendo, tais opressões são reproduzidas por diferentes atitudes de homens e mulheres, meninos e meninas, professores e professoras, executadas a partir destes padrões com ênfase na: colonização do outro, nos estigmas, na hegemonia, na violência, na desigualdade de gênero, incentivando o racismo estrutural e construindo sujeitos com identidades conservadoras.

No entanto, é importante frisar que, historicamente, as aulas de Educação Física foram marcadas por um processo de hierarquização em relação ao feminino e masculino a partir das relações de poder que nela se estabelecem (CORSINO; AUAD, 2012). Tal desigualdade presente na Educação Física escolar, compromete e contribui para uma educação centrada em desigualdades e de relações de poder, sendo necessário rever como se estabelecem as relações na corporeidade e como se refletem no ambiente escolar.

Destaca-se que, na maioria das aulas de educação física escolar, as modalidades/esportes considerados hegemônicos são os que apresentam traços da cultura dominante, marcada por sujeitos europeus, considerados perfeitos, segundo o ideal clássico de bom e belo. São estes que recebem destaque no meio da educação física escolar e, assim, se configuram distantes da sociedade contemporânea atual, de modo a corroborar para o “aprendizado da separação”, conceito criado e destacado por Daniela Auad, em seu trabalho sobre coeducação (AUAD, 2004). Embora esta autora se refira primordialmente à separação entre os gêneros, nas práticas educativas especialmente, ocorre que o conceito também se coloca para a desigual valorização e, portanto, separação e apartamento de culturas inteiras do interior da escola.

Diante desta perspectiva, trazemos mais uma proposição da pesquisadora (AUAD, 1998) sobre o ideal de uma escola que explora seu potencial, respeitando seus pares de maneira igualitária:

É mais difícil, senão impossível, lutar contra os preconceitos, de alunos e alunas, se a professora toma atitudes discriminatórias. Como ela criará condições para que as crianças e adolescentes conheçam e lidem com suas ideias, sentimentos, corpos, sensações, sem que ela tenha sido e lidado consigo mesma. Como fomentar a igualdade em alunos e alunas, se este ainda não o foi na professora? (AUAD, 1998, p.23)

Ainda nesta linha, Corsino (2021) também recorre à Britzman (1986), em que ambos assinalam que a educação de um professor, como qualquer outra, é uma educação ideológica. Promove imagens particulares de poder, conhecimento e valores, recompensando formas particulares de comportamento individual e institucional.

Nestes termos, o objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa bibliográfica que pretende fomentar o ensino da educação física pautado nas relações de gênero e antirracistas, a partir do desafio de implementação da Dança do Passinho presente nos materiais de apoio ao professor e aluno das escolas estaduais paulistas a partir de 2018.

Para compreender os sentidos produzidos durante o desafio de implementação da Dança do Passinho no Currículo de educação física, nos apoiamos em metodologia de cunho qualitativa fazendo uso de instrumentos, técnicas e processos de coleta de dados bibliográficos e documentais, bem como dos materiais de apoio ao Currículo Paulista do componente de educação física, com a intenção de combater as relações de desigualdades de gênero, dentre outras, e propondo visibilidade social para esta Dança até então marginalizada, assim como aqueles e aquelas que a praticam e com ela se expressam e visibilizam.

Caminhos já percorridos: A implementação do Currículo Paulista

Conforme o artigo 3º da Constituição Federal (1988), constituem objetivos fundamentais da República:

1. construir uma sociedade livre, justa e solidária;
2. garantir o desenvolvimento nacional;
3. erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
4. promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Neste viés, a sociedade brasileira carrega uma marca autoritária: já foi uma sociedade escravocrata, além de ter uma larga tradição de relações políticas paternalistas e clientelistas, com longos períodos de governos não democráticos. Até hoje, nossa sociedade é marcada por relações sociais hierarquizadas e por privilégios que reproduzem um altíssimo nível de desigualdade, injustiça e exclusão social (BRASIL, 1998, p. 20).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, p. 20, 1998), ao proporem uma educação comprometida com a cidadania, elegeram, baseados no texto constitucional, princípios segundo os quais orientam a educação escolar, dentre eles a Igualdade de direitos, que se refere à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania.

Para tanto, há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas etc.) e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam serem levadas em conta para que a igualdade de direitos seja efetivamente alcançada. Nesta linha, historicamente, a identidade profissional dos professores constituiu-se a partir de uma separação e independência das comunidades locais.

Todavia, para Nóvoa (2002, p. 21) “os professores nunca viram o seu conhecimento específico devidamente reconhecido. Os professores têm de ser formados, não apenas para uma relação pedagógica com os alunos, mas também para uma relação social com as comunidades locais”.

Ademais, Silva et al. (2021) indicam que a educação física é um componente curricular obrigatório que deve versar quanto ao “saber sobre” (conceitos e conhecimentos) e ao “saber fazer” (experimentar) das práticas corporais.

Foi pensando nesta perspectiva que, em 2018, me **tornei** membra⁸ integrante da equipe de elaboração do material de apoio ao Currículo Paulista do estado de São Paulo junto aos demais Professores Coordenadores de Núcleos Pedagógicos que compõem o Estado.

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular em dezembro de 2017 (BRASIL, 2018), os Estados iniciam a (re)elaboração de seus currículos. O Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC), instituído pela portaria Nº 331, de 2018, estabeleceu as diretrizes, os parâmetros e os critérios para a implementação da BNCC em âmbito estadual e municipal (SÃO PAULO, 2019, p. 19).

⁸ Esse trecho do texto, dentre outros, trará relatos em primeira pessoa do singular de uma das autoras, posto que corresponde a vivência específica e individual. Apesar disso, aqui assim se coloca tal vivência pois é constituinte da pesquisa. Para as autoras do presente texto, a imparcialidade e objetividade da pesquisa se constituem da exposição dessas especificidades do caminho do texto e das trajetórias de suas autoras, que são, dentre várias identidades, pesquisadoras, professoras, feministas e escritoras.

O novo Currículo do Estado de São Paulo foi um passo decisivo, fruto do esforço dos profissionais de Educação das redes privada, municipal e estadual, passando por mudanças, atualizações e renovações (SÃO PAULO, 2019). Detalhada e numericamente, na Educação Básica, as matrículas nas diferentes redes atingem o total de 7.433.331, segundo dados coletados no Cadastro de Alunos em fevereiro de 2019 (SÃO PAULO, 2019). Assim sendo, traçando uma linha do tempo, os estudos deste Currículo foram desenvolvidos em versões e realização de escuta da rede e de seus profissionais, gerando uma versão final e resultando na homologação do Currículo Paulista para o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) na data de agosto de 2019.

O Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019), em sua introdução, segue as dez competências da BNCC, onde destaco apenas 4 competências de meu objeto de estudo, o gênero:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
2. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;
3. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade;
4. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Ao deparar-se com o estudo das competências da BNCC, bem como do Currículo Paulista agora homologado, membros do grupo desenvolveram o Guia de Transição (SÃO PAULO, 2018), para ser “a ponte” entre o Currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2010) e o novo Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019).

Ora, pois se a Base Nacional Comum Curricular e o novo Currículo Paulista propõem uma educação integral deste e desta estudante que faz parte da rede estadual, baseada nos princípios do aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer, e aprender a aprender (SÃO PAULO, 2019, p. 35), o momento se torna perfeito para que isto de fato saia do papel e chegue à escola.

O Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019), destaca que o componente curricular de educação física:

“Amparado pela perspectiva cultural, o ensino de Educação Física busca a compreensão do sujeito inserido em diferentes realidades culturais nas quais corpo, movimento e intencionalidade são indissociáveis, o que sugere, para além da vivência, a valorização e a fruição das práticas corporais, bem como a identificação dos sentidos e significados produzidos por estas nos diversos contextos.” (Currículo Paulista, 2019, p. 249)

O Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019, p.249) também evidencia:

“Assim, é necessário admitir os estudantes como sujeitos históricos, que tenham suas identidades validadas, que compreendam o corpo como um todo integrado pelas dimensões cognitivas, físicas, socioemocionais e como promotor das vivências e produtor de sentido nos contextos existenciais”.

Não nos parece utópico revelar, nem tampouco sonhar com um Currículo que deixe de maneira explícita que, além do conhecimento sobre as capacidades físicas, as regras, técnicas e táticas, a cultura corporal de movimento também promove a reflexão sobre o consumo, o individualismo, os preconceitos relativos ao gênero, às raças, ao desempenho e à própria forma corporal, presentes nas práticas corporais (SÃO PAULO, 2019, p. 250).

Corsino e Auad (2012) elucidam que os estudos de gênero na Educação Física não são recentes, pois se intensificaram a partir do final da década de 80, apoiados por diferentes abordagens das Ciências Humanas, Sociais e Biológicas e que se caracterizavam, principalmente, por denunciar uma Educação Física Escolar baseada em preceitos médicos, militares e esportivos. Estes não condizem com uma educação que proporcione uma aprendizagem significativa, contemplando todos os sujeitos. Assim, configurando-se “Sobre corpos que são constituídos, e apresentam marcas produzidas pelas relações de gênero na nossa sociedade”, conforme as contribuições de Corsino e Auad (2012, p. 26).

Do mesmo modo, Goelner (2010) amplia nossa visão sobre a construção cultural dos corpos, visto que este o é o principal sujeito da educação física.

Pensar o corpo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, classificado, explicado, e trabalhado. Uma necessidade, porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo que o corpo é histórico. (GOELLNER, 2010, p. 28)

Os discursos produzidos pelos corpos e pelas relações constroem as pessoas, configuram suas identidades, moldam o que é percebido como suas características. Há a necessidade de existir, por parte de professores e professoras, também diante da Educação Física Escolar, um aprofundamento dos conhecimentos sobre as relações de gênero, sugerindo que esse conjunto de saberes fosse desenvolvido inicialmente na graduação, assim como se mantivesse em debate, em formações continuadas.

Sob o mesmo ponto de vista, Neira (2019) defende que os estudos acerca do currículo cultural da Educação Física podem ser entendidos como uma manufatura coletiva, onde a coletividade, a cooperação e a participação conferem atualidade e relevância para os debates do campo da Educação Física. Contudo, “Trata-se de um ensino que se propõe ser construído com o outro, nas relações cotidianas da Educação Física escolar, em que pesem significados diversos, plurais e de reconhecimento de diferenças de todos os envolvidos, além de contra hegemônico, é uma decisão por uma forma artesanal de manufatura, compartilhada” (NEIRA, 2019, p. 9).

O autor ainda menciona que “a recente história da Educação Física escolar brasileira, a partir do denominado movimento renovador, tem produzido tensões em sentidos contra hegemônicos, e a produção científica no campo parece diagnosticar as ausências e invisibilidades emergentes, com o “ponteiro da bússola” apontando para uma direção de enfrentamento das desigualdades e injustiças sociais e curriculares de um projeto hegemônico – ainda e cada vez mais – em curso” (NEIRA, 2019, p. 9).

Neste sentido, Neira menciona que parece desafiador problematizar a questão proposta por Bracht (2001):

[...] por quais razões a Educação Física passou a integrar os currículos escolares? [...]”. A resposta parece permanecer potencializada nas reflexões e argumentos dos projetos educacionais que a situam – Educação Física – na intencionalidade didático-pedagógica que vá para além do determinismo histórico advindo da colonização de outro campo de conhecimento e da conveniência da produção de consumidores, na insistência em ensinar o que não tem sentido para alunos e professores”. (BRACHT, 2001, p. 69 *apud* NEIRA, 2019, p. 9)

A partir da imersão destes estudos, dos momentos de produção e escrita, e, sobretudo, a partir das experiências em escolas paulistas estaduais com o público jovem, sentimos a necessidade de trazer a Dança do Passinho e ampliar sua visibilidade social. Para isso, no próximo tópico, apresentamos como a Dança do Passinho saiu do papel.

Do papel ao chão da escola

Desvelar e abordar culturas jovens adolescentes - ao entender estes como sujeitos da educação física escolar - foram os principais motivos pelo meu⁹ interesse em propor a implementação da Dança do Passinho nos materiais de apoio ao Currículo Paulista durante os anos de 2018 a 2020.

Ademais, Silva *et al.* (2021) ao citar Venâncio e Sanches Neto (2019) destacaram a complexidade nas ações de cada professor(a) quando reconhece que cada aluno(a) é pleno(a) de idiossincrasias como um ser reflexivo e (auto)crítico acerca de seus movimentos, de seus pensamentos e de suas relações. Desta forma, o nó a ser desfeito nas aulas de educação física escolar é a reprodução de movimentos por um sujeito alienado.

Ao observar as competências gerais propostas na BNCC, já descritas anteriormente neste trabalho, e mais precisamente, ao analisar as competências gerais da área de Linguagens e suas Tecnologias, da qual a Educação Física faz parte, pude vislumbrar a possibilidade de inserção desta dança que até então seguia marginalizada dentro da escola.

⁹ Novamente, nesta altura do texto, se coloca a necessidade de autoria individual, dada a centralidade da ação histórica de uma de suas autoras, malgrado a análise constituída por ambas e os estudos e pesquisas da coautora do presente texto, que como pesquisadora construiu, ao lado de dezenas de outros pesquisadores e pesquisadoras, o histórico para a docente de Educação Física, e autora do presente texto, poder propor a Dança do Passinho.

Além disso, Miskolci (2010, p. 30) apresenta que como uma linguagem, a cultura não pode ser entendida como expressão de um mundo preexistente. Ao contrário, são os sentidos que ela cria que são chamados de mundo. Assim, a cultura passa a ser uma produção do presente.

Diante do exposto, Daolio (1995, p. 24) na área da Educação Física, aponta que fala-se muito sobre o corpo. Juntamente com este substantivo, o autor também relembra que imprime-se uma série de adjetivos. Entre eles: esbelto, saudável, bonito, sensual, livre, flácido, feio, reprimido, firme, mole, natural, holístico, moderno, consciente, inteiro, repugnante, prazeroso, gordo, magro e outros adjetivos. Os(as) profissionais de Educação Física trabalham com o ser humano e através de seu corpo, e lidam com os adjetivos expressos pelo corpo. Por isso, é muito importante a reflexão sobre o tema das relações de poder exercidas nas aulas, que afetam meninos e meninas que “possuem” corpos diferentes. Isso equivale a dizer, segundo pensam as duas autoras do presente texto, que toda gente é afetada, como mencionado no parágrafo anterior, posto que toda gente não apenas possui, mas é corpo. Aqui ressalte-se que não se trata, portanto, de possuímos um corpo, e sim de sermos esse corpo, em um todo integrando, não o dissociando de nossas ideias e de nós, compondo também o que entendemos por corporeidade.

Para Silva *et al.* (2021), quando um sujeito se reconhece como um ser de relações, consigo mesmo e com o(a) outro(a), é capaz de antecipar, identificar e propiciar situações para que suas próprias ações influenciem determinados contextos, sempre na presença de outras pessoas. Ou seja, ao conhecer e se apropriar da Dança do Passinho, agora, um objeto de conhecimento da educação física escolar, este/a estudante e sujeito, poderá ressignificar outras culturas, a partir da visibilidade e representatividade da sua cultura inclusive, posto que esta terá produzido a dança em tela.

Vale ressaltar que o antigo Currículo Oficial do Estado de São Paulo vigente, entre o período de 2008 a 2018, já trazia o *Hip Hop* e o *Street Dance*, estas como manifestações rítmicas ligadas à cultura jovem. Entretanto, a partir das experiências como professora de Educação Física escolar dos anos finais do Ensino Fundamental e ensino Médio de escola estadual paulista e do estudo do então “Currículo antigo”, nos valem da necessidade de ressignificação e da proposta de implementação da manifestação rítmica expressa na Dança do Passinho, esta que atende, agora, aos anseios contemporâneos dos (das) jovens e podem ser manifestar socialmente como forma de resistência à exclusão e como luta contra a desigualdade social.

Aqui, destacamos as contribuições de Viviane Mendonça Magro (2003), propondo alguns estudos sobre o grafitti e as outras manifestações da cultura hip hop:

Constituem-se por força da necessidade de sociabilidade, comunicação e afirmação étnico-cultural de jovens e adolescentes, predominantemente negros/as, das periferias urbanas; o agrupamento oferece suporte para a configuração das suas identidades, marcadas pela busca de outras alternativas de pensar o mundo e de atuar dentro dele, evidenciando resistência a uma pedagogia discriminadora, mercadológica e reificadora da exclusão social, pregada tanto pela escola quanto pela mídia, lideradas pela indústria cultural. (MAGRO, 2003, p.6)

Deste modo, o Currículo Paulista proposto para os anos/séries do Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, bem como, os materiais de apoio do professor e do aluno, agora, apresentam a Dança do Passinho expressa na Unidade Temática: Dança e Objeto de Conhecimento: Funk e Dança do Passinho.

Interessante ressaltar que quando pensamos em ressignificação de Currículo ou onde o público alvo são os (as) jovens, vale a pena elucidar que a Dança do Passinho muitas vezes é considerada apenas um “entretenimento”, negligenciando a seriedade das propostas de grupos e culturas juvenis enquanto ações e práticas significativas no campo social (MAGRO, 2003).

Da mesma maneira, Magro (2003) apresenta que a cultura juvenil tem a função de transição para a condição social adulta, por meio do desenvolvimento de rituais, símbolos, modas e linguagens próprias, que marcam uma identidade distintiva de outros grupos etários.

Para elucidar o quanto a Dança do Passinho se caracteriza por cultura juvenil, trazemos um depoimento apresentado por Lima (2017, p.148):

No funk, a gente era acostumado a dançar coreografias em grupo. O passinho veio com uma coisa muito individual, você fazendo um freestyle ali, improvisando. Isso que chamou a atenção. Tanto que eu e meus amigos, pra onde a gente ia, a gente dançava coreografia, a gente tinha grupo. Nós éramos o centro das atenções. Até um dia que a gente foi pra um baile que era perto da nossa casa, que a gente nunca tinha ido, ali em Madureira mesmo. A gente viu um monte de moleque dançando, tipo assim, cada um por si”.

Ainda na direção do que concordamos, lembramos o que assinala Neira (2019), na defesa da importância da elaboração e implementação de um currículo que valoriza a cultura corporal da comunidade e submete o patrimônio de conhecimentos em circulação a uma análise crítica. Essa prática concorreria para denunciar as relações de poder que legitimam determinadas Unidades Temáticas com determinados Jogos, Brincadeiras, Danças, Lutas, Ginásticas e Esportes, em detrimento de outras.

Como exemplo disso, há de se lembrar práticas corporais como o funk, o rap, o skate, o parkour, o hip hop, o carrinho de rolimã, o baralho, o maculelê e a capoeira. Estas deveriam receber a mesma atenção que as consideradas hegemônicas, tendo em vista a realização de uma ação educativa atenta à formação de identidades plurais, em um contexto democrático.

Retomamos aqui que tudo aquilo que é produzido pela camada social considerada subalterna e periférica tende a ser marginalizado, ou seja, visto como algo que não é digno de ser estudado, mantido ou praticado como conhecimento escolar. Assim foi com o funk, com o samba, com o jazz, blues e outros elementos artísticos.

Neste ínterim, chamamos a atenção para o material do professor de educação física produzido para apoiar o Currículo Paulista, onde apresenta as seguintes habilidades:

Habilidades:

(EF07EF11) Experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos).

(EF07EF13) Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a elas por diferentes grupos sociais.

Imagem 1: Quadro de habilidades do SÃO PAULO FAZ ESCOLA – material do professor educação física. 7º ano (SÃO PAULO, 2020).¹⁰

O presente material, já anteriormente citado, apresenta aos estudantes uma introdução à Temática das danças urbanas:

¹⁰ Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/sites/7/2020/07/EF_PR_EDF_06-07-08-09.pdf

Ao longo de sua escolaridade, você já deve ter tido contato com diversas práticas corporais do universo da dança, sejam elas da dança de salão (forró, salsa, bolero, tango), danças circulares (em roda), dança clássica (ballet), danças populares (xaxado, frevo, carimbó, etc.), entre outras. Agora, neste bimestre, você poderá aprender mais sobre as danças urbanas. Estas abrangem as práticas corporais que surgiram a partir de: ambientes periféricos, ou seja, em periferias de bairros e/ou cidades, em conflitos de ideias e choque cultural de grupos, a partir de lutas e protestos. (Material do professor, 7º ano, SÃO PAULO. Faz escola, 2020, p. 36)

Mais adiante, o material desenvolve um texto de apoio para subsidiar os estudos sobre o Hip Hop e suas características, conforme a imagem a seguir:

TEXTO – DANÇAS URBANAS EXISTENTES

As expressões urbanas podem ser vistas em toda a parte, como por exemplo: nas pequenas e grandes cidades, nos muros, prédios, fachadas, nas fotos, nos filmes, na TV, na internet, nas manifestações artísticas, no teatro, etc., por isso, muitas pessoas são influenciadas pela cultura das danças urbanas e do movimento **Hip Hop**. O movimento Hip Hop teve seu início nos Estados Unidos, mais precisamente em Nova Iorque, em meados da década de 70, em bairros de periferia com maior parte da população sendo negras, latino-americanas e jamaicanas. A região do Bronx era carente, por isto os jovens frequentavam os espaços de lazer existentes na maior parte do tempo. Estes espaços tornaram-se locais ideais para o surgimento de movimentos sociais de luta, de protesto, de produção de arte e cultura. Foi neste contexto que a manifestação hip hop ganhou sua força.

Em São Paulo, por volta da década de 80, jovens negros influenciados pela cultura americana começaram a praticar a dança **break** em praças e espaços que também eram da cultura skatista. A Rua São Bento na cidade de São Paulo é considerada o berço da cultura Hip Hop, e as escadarias do Teatro Municipal de São Paulo também foram espaço para esta prática.

Vale saber que a música é a maior manifestação da cultura Hip Hop, embora a Dança e a Arte também estejam presentes. Vale lembrar que o movimento Hip Hop cresceu e hoje se tornou um estilo de vida para muitas pessoas, como, por exemplo, para os praticantes do universo do basquete, do skate e de pessoas comuns que são influenciadas por esta onda. Este estilo é denominado de **Street!**

Assim, é importante saber que o termo **street dance (dança de rua)** é frequentemente usado por apresentar os diversos estilos da Dança. São eles: Locking, Popping, Freestyle, Breaking, House dance, Krump e Funk.

Você sabia? James Joseph Brown Jr., conhecido como o padrinho do "soul" (ritmo de origem africana), foi cantor, dançarino, compositor e produtor musical norte americano. Foi responsável por influenciar inclusive o cantor, dançarino e "rei do pop" Michael Jackson. James Brown foi um dos influenciadores do subgênero do funk como gênero musical. Seu destaque na música contribuiu para que os gestos e movimentos com a dança também fizessem sucesso. James Brown possuía movimentos específicos com ênfase nas pernas e pés (membros inferiores), e que mais tarde influenciou os estilos de Street Dance.

Se ficou curioso, realize uma pesquisa em sua tarefa de casa e compartilhe com seus colegas!

Imagem 2: Texto de apoio. Material do professor de educação física. 7º ano (SÃO PAULO, 2020, p.38).

Acrescenta-se outro texto de apoio sobre a influência da moda e da cultura Hip Hop para os jovens:

TEXTO DE APOIO AO(A) PROFESSOR(A): A MODA/ESTILO DO HIP HOP E SUAS INFLUÊNCIAS.

A moda/estilo do *Hip Hop* traz influências de origem afro-americana, caribenha e latina, com procedência de Nova Iorque, EUA, no distrito *The 5 Boroughs*. No início do movimento *Hip Hop*, houveram influências de bandas americanas com o uso de roupas coloridas e um visual “gangsta” que remetia às gangues das periferias Nova Iorquinas. Este perfil conquistou o mundo da música e dos *rappers*. O estilo *Hip Hop* tem como principais características **roupas largas, confortáveis** (em virtude da realização dos movimentos de amplitude) e **com cores vivas**, com influências do grafite (um dos elementos do *Hip Hop*). Os acessórios como chaveiros, bonés e correntes também são comumente utilizados pelos adeptos desta cultura. Para o universo feminino, vale destacar que se faz uso de blusinhas-regatas com capuz, mais justas, saias, pulseiras grossas, cintos e colares. Algumas marcas famosas também contribuíram para a propagação da moda *Hip Hop*.

Imagem 3: Texto de apoio. Material do professor de educação física. 7º ano, (SÃO PAULO, 2020, p. 39).

Por fim, o material propõe a reflexão sobre a Dança do Passinho através do texto a seguir:

TEXTO – NO EMBALO DO PASSINHO

A **dança do Passinho** foi criada nas comunidades carentes do Rio de Janeiro. Era praticada desde os anos 2000 em bailes *funk*, porém se manteve desconhecida por vários anos. Nesta época, já havia disputas informais entre favelas com os movimentos e gestos desta dança. Em 2008, após ampla divulgação na internet por meio de vídeos, a dança do passinho se popularizou no Rio. Já em São Paulo, sua popularização possui uma história peculiar, a partir de um MC que fez uma homenagem ao bairro do Jardim Romano – Zona Leste. Os passos foram criados por um morador do bairro e o MC fez um vídeo que viralizou. Os passos continham movimentos do *hip hop* e tinham como obrigatoriedade colocar as “mãos no rosto”, como se estivessem com vergonha. Atualmente, existem diversas competições de batalhas do Passinho, inclusive na cerimônia de abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, onde foi exibido por um grupo de dança.

Já o passinho popular é composto por sequência de rápidos movimentos com os pés, que são articulados por movimentos rápidos da cintura. Propõe movimentos de **break e funk** com ritmos tradicionais do Brasil, como o **samba, frevo e até a capoeira**. Normalmente não é realizado com coreografia pronta, e sim criatividade pura e improvisado, de modo que não há um “jeito” certo ou errado de dançar. Outra curiosidade é que o dançarino deve olhar fixamente para seus pés enquanto realiza os movimentos. Por meio da dança do passinho foi possível abrir espaço para mulheres e homens se destacarem juntos!

Imagem 4: texto de apoio. Material do professor de educação física. 7º ano (SÃO PAULO, 2020, p. 44).

O presente texto se vale das questões norteadoras a seguir. São reflexões para o público jovem, entretanto, apenas com a mediação do docente isto se tornará efetivo.

Professor(a), destacamos que no momento de debates sua mediação é de extrema importância.

A seguir, questões com orientações para a reflexão dos debates.

1. Sua equipe já conhecia a Dança do Passinho? Antes de ler o texto havia um pré-julgamento deste estilo? Qual?

Resposta: Pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre os preconceitos presentes na Dança urbana Funk e do seu subgênero Passinho.

2. Quais as diferenças e semelhanças da Dança do Passinho com o Funk, ou com os outros estilos de Street Dance? Explique.

Resposta: O Funk, assim como o Passinho, é uma dança urbana. Em seus gestos estão presentes movimentos de vários estilos do Street Dance, como o break, freestyle, entre outros. O passinho possui particularidades como movimentos rápidos com os pés.

3. A que grupos sociais a Dança do Passinho pertence comumente? Justifique explicando os significados que a Dança propiciou ao time durante as discussões e leitura do texto.

Resposta: A Dança do Passinho pertence aos grupos sociais periféricos pois teve sua origem nas favelas do Rio de Janeiro.

Imagem 5: texto de apoio. Material do professor de educação física. 7ºano (SÃO PAULO, 2020, p. 44).

Em todo o percurso deste material são propostas reflexões aos estudantes a partir do histórico, cultura e prática desta Dança. No entanto, o papel do docente é fundamental. Entender o material *per si* não basta. É preciso estudo sobre a temática de gênero para que de fato a proposta curricular seja implementada e a habilidade proposta seja alcançada pelos estudantes.

Da mesma forma, José Mário Pires Azanha (2006) em “A formação do professor e outros escritos”, nos revela que “A incorporação do compromisso ético-político não resultará da simples exposição dos (das) alunos a uma retórica que enalteça esses valores, nem tampouco da simulação de rituais que imitam ‘pedagogicamente’ a liberdade almejada para a esfera pública”.

Neste sentido, para Azanha (2006, p.36),

o êxito de seu cultivo parece antes depender da convivência com professores e demais profissionais da educação que promovam essa forma de vida e que, no curso de suas aulas, no conteúdo de seus ensinamentos e em suas práticas escolares cotidianas a ele dêem vida. Somente um professor que cultive cotidianamente essas virtudes podem transmiti-las a seus alunos.

Similarmente, Freire nos propõe as outras formas de intervir no mundo: “O professor que pensa certo, deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo (FREIRE, 1996, p. 16).

Para justificar nossa intenção neste trabalho, trazemos um trecho do livro Grande Sertão Veredas, o qual trata da possibilidade de mudanças em requerer do sujeito um ato de coragem:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que não misturam. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. (ROSA, 1986)

Consequentemente, assinalamos que é preciso deixar o funk tocar e o Passinho ser dançado como uma maneira de identificar, prevenir e combater preconceitos e trilhar valorização, liberdade e democracia, a partir de variadas práticas corporais.

Para expressar as assertivas que aqui trazemos, valemo-nos de algumas expressões reproduzidas pelas alunas e alunos da escola pública e que estão presentes no universo do funk, tais como: “recalque”, “beijinho no ombro”, “abalar”, “tô bolado”, “bombando”, “olha o bonde”, “é bucha”, “parça”, “mó fita”, “mano”, “papo reto”, “quebrada”, “salve”, “bomba”. Há de se incorporar as variadas linguagens, incluindo da dança e a musical para considerar para quem o processo de ensino precisa construir aprendizado. Desta maneira, destaca-se que o fenômeno do funk precisa ser acolhido, praticado, debatido, estudado, entendido, desvelado, e tratado com menos preconceito, inclusive para ser ressignificado nos aspectos em que também reproduz machismo e misoginia.

Um exemplo interessante desse processo de ressignificação do funk é a maneira como a criação da vacina Coronavac, pelo Instituto Butantã, foi amplamente comemorada com o funk de MC Fioti, no qual essa representação artística e de massa foi utilizada também para popularizar a Ciência. Vale notar que a citada canção, o sucesso Bum Bum Tam Tam, é resistência democrática e popular, sobretudo em tempos de ampla e aprofundada perseguição a cientistas, militantes, indígenas, quilombolas, população LGBTQI+. Foi com o funk, para comemorar a vacina brasileira, para se somar às demais

criadas para fazer frente à pandemia, que as redes sociais foram inundadas a criticar medidas governamentais de ataque à Ciência, de combate aos movimentos sociais, de depauperamento das universidades públicas, com profundo negacionismo e arraigada mentalidade antivacinal, advindas do líder máximo na Nação e dos grupos de mentalidade autoritária que o elegeram¹¹.

Mexe o Bum Bum Tam Tam

No presente artigo, que de modo algum se coloca como uma reflexão exaustiva ou conclusiva, considera-se de grande valia o desafio de implementação de práticas como a Dança do Passinho, nos materiais de apoio ao Currículo Paulista de educação física. Através do percurso trilhado, vislumbramos as pedras no caminho e as possibilidades e conquistas, tanto já realizadas no campo do gênero para a educação física escolar quanto as que estão por vir, em um contexto futuro onde não será um problema, por exemplo, citar um funk como subtítulo de texto acadêmico.

Ao vislumbrar esse ideal, que esperamos não tão distante, concluímos que um primeiro passo já foi dado. Apesar disso, seguimos esbarrando com elitismo, seja escolar, seja acadêmico, onde os sujeitos e estruturas insistem em ações de submissão de outros sujeitos, através de disputas acerca da legitimidade sobre quem tem direito de ter voz, de dançar ou de escrever. Tais processos, ao revelarem que há grupos que não querem abrir mão de seus lócus de poder, tentam descaracterizar o funk, docilizar a dança, assim como domesticar textos militantes, com especial excelência acadêmica. Para esses processos, deixamos como referencial tanto a resposta criativa e bem humorada de MC Fioti, acima citada, quanto a coragem e força para o combate já cantadas por Valeska Popozuda, em seu emblemático Beijinho no Ombro¹². Relembramos, enfim, a máxima da militante feminista Emma Goldman¹³: SE EU NÃO PUDER DANÇAR, NÃO É A MINHA REVOLUÇÃO!

¹¹ Para acessar a canção à qual o trecho faz referência: https://www.youtube.com/watch?v=_P7S2lKif-A

¹² Para acessar a canção à qual o trecho faz referência: <https://www.youtube.com/watch?v=73sbW7gjBeo>

¹³ Ver: <https://www.revistaamazonas.com/2018/09/25/se-eu-nao-puder-dancar-nao-e-a-minha-revolucao/>

Referências

AUAD, D. **Formação de Professoras. um estudo dos cadernos de Pesquisa a partir do referencial de gênero.** 144f. Dissertação (Mestrado em Educação: Universidade de São Paulo). São Paulo, 1998.

AUAD, D. **Relações de gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de co-educação.** 2004. 232f. Tese (Doutorado em Educação: Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

AZANHA, J. M. P. **“Uma reflexão sobre a Didática”.** Educação: alguns escritos. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, 1998.

CORSINO, L. N.; AUAD, D. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

CORSINO, L. N. O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Concepção de Docentes de duas escolas da rede Estadual de São Paulo. **Cenas educacionais**, v.4, n.e10794, 2021.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e suas implicações para a Educação Física. **Revista de Educação Física da UFRGS**, v.2, n.2, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** SP: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Aline. S.C.M. **Juventudes e estratégias de visibilidade social e midiática do passinho carioca ao ativismo de Nova Orleans.** 333f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, 2017.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação.** 5º ed. Petrópolis: editora Vozes, 2010.

MAGRO, V. M. M. **Meninas do Grafitti: Educação, Adolescência, Identidade e Gênero nas culturas Juvenis Contemporâneas.** Tese (Doutorado em Educação: Universidade de Campinas). Campinas, 2003.

MISKOLCI, R. **Marcas da Diferença no Ensino Escolar.** Edufscar: São Carlos, 2010.

NEIRA, M. G. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2. ed. Jundiá: Paco, 2019.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SILVESTRE, H. Se eu não puder dançar, não é minha revolução. **Revista Amazonas**, 2018. Disponível em: <https://www.revistaamazonas.com/2018/09/25/se-eu-nao-puder-dancar-nao-e-a-minha-revolucao/>. Acesso em: 30 maio 2021.

SÃO PAULO. Secretaria da educação. **Currículo do estado de São Paulo. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. São Paulo: SEE, 2010.

SÃO PAULO. Secretaria da educação. **Currículo Paulista**. São Paulo: SEE, 2019.

SÃO PAULO. Secretaria da educação. **Guia de Transição**. São Paulo: SEE, 2018.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Currículo em ação**. Material de apoio ao professor 7ºano. São Paulo: SEE, 2020.

SILVA, A. J. F.; SILVA, C. C.; TINÔCO, R. G.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L.; ARAÚJO, A. C. Desafios da Educação Física Escolar em tempos de pandemia: notas sobre estratégias e dilemas de professores(as) no combate à Covid-19 (SARS-COV-2). **Cenas educacionais**, v.4, n.10618, 2021.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade, uma introdução à teoria do Currículo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.